



**Midiatização e interseccionalidade: abordagem antirracista
na série Boca a Boca**
**Mediatization and intersectionality: an anti-racist approach
in the Kissing Game series**

Sandra Pereira

1.Introdução

Este trabalho busca discutir o termo midiatização dentro de uma perspectiva antirracista. Analisamos como o racismo é abordado na série televisiva Boca a Boca (Esmir Filho, 2020), exibida pelo serviço de streaming Netflix. Vamos também usar os conceitos de circulação, parte dos estudos de midiatização, proposto por Braga (2012), e de interseccionalidade, este como ferramenta para interpretar questões de raça levantadas na obra.

Na contemporaneidade, a pressão por mais representatividade negra, gay e trans no mercado publicitário e audiovisual tem crescido no Brasil e no mundo. A luta se refere a construções de narrativas com personagens com as intersecções de raça, gênero e sexualidade de forma complexa, abandonando imagens pejorativas e preconceituosas as quais personagens com esses perfis eram e ainda são representados. É neste panorama que pretendemos, num primeiro momento, analisar a série Boca a Boca (Esmir Filho, 2020), enfocando como a obra debate o racismo, seja na perspectiva individual ou coletiva, explorando a temática da midiatização e o conceito de circulação discutido por Braga (2012). Igualmente, refletimos sobre como a produção construiu uma narrativa que se pretende, mesmo que simbolicamente, criticar o racismo. Assim, utilizamos a abordagem interseccional. A série inclui questões de gênero e sexualidade, mas em função da limitação deste resumo, focaremos a análise em torno da questão racial na construção da personagem Fran. Interessa-nos se a série analisada provoca a discussão



sobre o racismo como herança colonial no Brasil e, ainda, construir novas produções de sentido ao levantar o debate sobre padrões de comportamentos considerados inadequados sob o ponto de vista moral conservador.

2. Panorama da série

Antes de entrarmos na discussão sobre midiatização e interseccionalidade, vale tratar sobre a ambientação e temas discutidos em *Boca a Boca* (2020). É uma produção da Netflix, criada por Esmir Filho, que conta a história de três adolescentes: Fran, Alex e Chico. A primeira é lésbica, negra e de classe baixa. Alex é branco de classe média. Tímido, heterossexual, mas sem preconceito em relação às demais sexualidades. Chico é um jovem branco gay assumido e de poucos recursos. Recém chegado à cidade, enfrenta a violência homofóbica local. Os três se tornam amigos na busca pela cura à doença fatal que ameaça a cidade.

Eles moram na interiorana Progresso. As personagens são representantes de uma juventude que abraça a diversidade de forma plural, acreditam no amor livre, e, especialmente, são parte de uma geração muito conectada tecnologicamente. Por outro lado, é uma cidade marcada pela desigualdade. Na Fazenda Nero, por exemplo, encontra-se o casarão do grande capitalista local. No mesmo terreno, a pequena casa da empregada, profissão que a mãe de Fran herdou dos seus ascendentes. Uma metáfora da Casa grande e Senzala.

A história começa quando a comunidade é assombrada por um vírus que acomete os jovens através do beijo. A primeira vítima é a amiga de Fran, Bel. A jovem acorda com uma mancha escura na boca após passar a noite em uma festa ao ar livre com álcool, drogas e liberdade nas relações entre meninos e meninas.

3. Midiatização e a narrativa serializada



Stig Hjarvard (2015) chama atenção para o fato de que, durante o século XX, a mídia de massa perdeu sua força como única referência - por sua amplitude - no que diz respeito a produções de sentido na sociedade. As transformações ocorridas na mídia hegemônica e sua influência nas culturas contemporâneas foram sinalizadas nos estudos sobre mediação. Braga (2012) recorre a Martín-Barbero (2009) para defender que o conceito de mediação não se restringe à grande mídia, mas ao que ele chama de relações sociais e culturais. Ainda se referindo a Martín-Barbero (2009), o autor aponta duas questões que foram fundamentais no enfraquecimento da mídia de massa como detentora do poder:

(...) O processo tecnológico, corresponde à disponibilização de ações comunicativas midiáticas para largas parcelas da população, dosando e redirecionando a comunicação massiva. O outro, processo social, diz respeito a uma entrada experimental de participantes sociais nas práticas e processos antes restritos à indústria cultural – por crítica social, por reivindicações de regulação pública da indústria, por ações sociais organizadas para ocupar espaços de produção e difusão; e certamente pela ativação crítica e intencionada das mediações culturais, por apropriações “em desvio” das interpretações preferenciais da produção (p. 34).

Na mesma direção, Vassallo de Lopes (2014) aponta que os meios tradicionais perderam espaço para uma forma de “sociedade em rede multiconectada, que traz, especialmente por meio do uso do computador e do celular, o acesso às novas mídias digitais” (p.74). Em sua opinião, essas novas formas de relacionamentos sociais surgiram por meio do progresso dos meios de comunicação, promovendo uma inovação em termos de interação. Hjarvard (2015) localiza o termo “mídiação” na intensa mutação da mídia na cultura e na sociedade. Ele diz:

Por mídiação da cultura e da sociedade, nos referimos aos processos por meio dos quais cultura e sociedade tornam-se cada vez mais dependentes das mídias e seus modos operandi, ou lógica da mídia. Tais processos mostram uma dualidade, na qual os vários formatos de mídia tornam-se integrados às práticas cotidianas de outras instituições sociais e esferas culturais, e ao mesmo tempo adquirem o status de uma instituição semi-independente em si mesmos. (Hjarvard, 2015, p.53)



Dentro do campo de pesquisa midiatização, Braga (2012) trata de correntes, por assim dizer, que estão ligadas ao debate. Destacamos o conceito de circulação que surge dos “desenvolvimentos sobre a relação produção/ recepção” (p.39). Isso porque nosso objeto é um produto audiovisual cujas visões trabalhadas podem ser difundidas em larga escala. Para o autor, com as novas tecnologias e o crescimento da internet, as informações não se resumem às relações produtor e receptor, pois elas não se fixam mais ali, mas há diferentes desdobramentos após a recepção. E aí reside uma matéria interessante, porque importa o que o receptor fará com o conhecimento recebido. Segundo Braga (2012):

A partir dessas percepções sucessivas no entendimento de “circulação”, mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (Braga, 2012, p.39).

Esse fluxo, segundo o autor, assume formas que vão desde debates acadêmicos até conversas em mesas de bar sobre um produto audiovisual, por exemplo. Os compartilhamentos também fazem parte dessa difusão de informações. Mais à frente, ele afirma: “Nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir ‘pontos iniciais’ e ‘pontos de chegada’, produção e recepção como instâncias separadas” (idem, p.40).

Junto ao conceito de midiatização, que nos fornece elementos sobre a produção e recepção, utilizamos a perspectiva interseccional para a construção da personagem Fran. Influenciado pelos movimentos sociais, especialmente o feminismo negro, o caráter interseccional ganhou relevância nos estudos acadêmicos nas últimas décadas, servindo como instrumento de análise para lidar com situações onde os marcadores sociais são predominantes. Autores que recorrem à abordagem interseccional reconhecem que diferentes grupos, dentro de uma mesma classe social, enfrentam variados graus de discriminação em termos políticos, econômicos e sociais. Por exemplo, um indivíduo



trans, negro e de baixa renda enfrenta o racismo e a transfobia, enquanto enfrenta as desigualdades econômicas. Para Collins e Bilge (2021):

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica aponta várias dimensões importantes do crescimento da desigualdade global. Primeiro, a desigualdade social não se aplica igualmente a mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Em vez de ver as pessoas como uma massa hegemônica e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias como de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo (Collins; Bilge, 2021, p. 33).

4. Circulação e interseccionalidade na série Boca a Boca

Na série citada, o racismo cotidiano está representado nas personagens Fran e sua mãe. A adolescente é aluna de uma escola privada. Lésbica e a única negra entre os personagens principais. A primeira a ser contaminada pelo vírus é uma menina branca de classe média por quem Fran é apaixonada secretamente. Ainda que Fran acredite que esse amor oculto possa ser recíproco, ela tem consciência de que as diferenças raciais e de classe são obstáculos para um relacionamento.

Fran tem noção de que seu corpo carrega uma opressão histórica, mas evita o confronto com os conservadores na cidade racista e patriarcal. Até que também é contaminada. A cena em que revela a doença acontece na casa da protagonista. Aparentemente inconsciente, ela perambula pela fazenda até chegar à “Casa Grande”. A câmera se posiciona no ponto de vista da personagem. Desta forma, nos coloca dentro de casa andando como se fosse Fran. Uma porta à nossa frente. Fran a abre e nos deparamos com o dono da fazenda, também simbolicamente “dono de sua mãe” e sua família, proprietária dos antepassados de Fran. A tímida jovem negra, agora acometida pelo vírus que apavora uma sociedade, também doente, confronta seu algoz apenas com sua presença e desaba,



sucumbindo ao que a enfermidade faz em seu corpo. Ela voltará à vida, mas como outra Fran: crítica e consciente de que merece construir o seu protagonismo.

5. Conclusões

A pequena cidade onde se passa a história de Boca a Boca reflete opressões cotidianas do país: racismo, homofobia e desigualdades econômicas e sociais. A narrativa seriada remete a uma perspectiva interseccional ao reconhecer direitos das chamadas minorias ou maioria minorizada, como a situação das pessoas negras no Brasil. A série, portanto, nega a visão universalista ao apresentar contradições na sociedade como o colonialismo e a escravidão ainda a ser superada. Na obra, essa crítica é abordada na relação servil da mãe de Fran com o fazendeiro local. Assim como o enfrentamento de Fran acontece como uma forma de ela romper com a herança colonial mantida em função da sua cor de pele. A punição à sexualidade livre ou à menina negra, que transgride os valores patriarcais e racistas se apaixonando por outra adolescente branca, vem por meio de um vírus. E a cura reside no amor, quando pais acolhem seus filhos e, enfim, entendem seus medos.

Como vivemos numa sociedade atravessada pelas mídias, acreditamos ser possível que temas como o antirracismo, um dos propostos na série, possam ser partilhados de diferentes formas por meio das interações sociais, como sinaliza Braga (2012). Vale mencionar também que com as mudanças intensas na sociedade midiaticizada, é possível produzir representações não estereotipadas de minorias no audiovisual. Assim, respondendo à provocação da introdução, a série discute padrões de comportamentos considerados inadequados sob o ponto de vista moral conservador, questionando-os e destacando, entre outros, o racismo como herança colonial no Brasil.

Vale ainda mencionar que pretende-se, tanto no desenvolvimento da pesquisa quanto em textos futuros, o desenvolvimento e aprofundamento da análise proposta em articulação com o conceito de circulação.



Referências

- BRAGA, JL. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. Mediação & midiatização [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. I
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- HJARVARD, Stig. Da Mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias. Revista Parágrafo – ISSN: 2317-4919 - Jul/Dez 2015, v2.n 3.
- LIBARDI, G.; JACKS, N. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. Signos do Consumo, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, jul./dez. 2020.
- VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. Matrizes [en linea]. 2014, 8(1), 65-80[fecha de Consulta 24 de Marzo de 2025]. ISSN: 1982-2073. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143031143005>
- BOCA a Boca (temporada 01). Criação: Esmir Filho. Brasil, Produção: Fetiche Features e Gullane Entretenimento, 2020. 06 episódios, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em 28 mar.2025.